

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA – LICENCIATURA**

**CRISTIANE DA SILVA SIMÕES**

**Relações Afetivas  
Pra que te quero?**

**Porto Alegre  
2010**

**CRISTIANE DA SILVA SIMÕES**

**Relações Afetivas  
Pra que te quero?**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia, pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FACED/UFRGS.

**Orientador(a):  
Profa. Dra. Gládis Elise Pereira da Silva  
Kaercher  
Tutor(a):  
Rossana Strunz Coelho dos Santos**

**Porto Alegre  
2010**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

**Reitor** : Prof. Carlos Alexandre Netto

**Vice-Reitor**: Prof. Rui Vicente Oppermann

**Pró-reitora de Graduação**: Prof<sup>a</sup> Valquiria Link Bassani

**Diretor da Faculdade de Educação**: Prof. Johannes Doll

**Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade a distância/PEAD**: Profas. Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

## ***DEDICATÓRIA***

Dedico este trabalho em primeiro lugar ao dono da vida, que me proporcionou esta oportunidade, a Deus, autor e consumidor da minha fé. Aos meus pais, em especial a minha mãe Terezinha, mulher abnegada. À tia Lygia, por ter apostado em mim. Ao meu legítimo companheiro Paulo, às minhas pérolas Paula e Manuela. E aos meus inesquecíveis companheiros de estágio e pesquisa, meus alunos da turma 901, ano de 2010.

## **AGRADECIMENTO**

*Ao concluir esta etapa gostaria de agradecer...*

*... à Deus pela oportunidade proporcionada, pela força recebida, pelo dom da vida e por cada pessoa que Ele tem colocado em meu caminho.*

*... à meus pais Airton e Terezinha pelo apoio, em especial a minha mãe, que sempre priorizou a mim e meus compromissos a sua própria vida.*

*... à tia Lygia, que confiou e apostou em mim. Obrigada por todo investimento feito em mim, nos meus estudos. Que Deus te recompense!*

*... ao meu amado Paulo, fiel companheiro, mesmo nos momentos de grande tensão e choradeira.*

*... às minhas princesas Paula e Manuela, que acompanharam essa jornada, que tiveram uma mãe estressada nos últimos semestres, mas que terão uma mãe sempre empenhada em auxiliá-las na concretização dos seus sonhos.*

*... aos meus alunos, motivo real da minha busca por aperfeiçoamento.*

*... à minha diretora, minhas colegas de trabalho que sempre foram solícitas nos momentos em que precisei, apoiando minhas idéias e socorrendo quando necessário.*

*... aos meus amigos e irmãos em Cristo Jesus por tolerarem minhas falhas e ausências.*

*... à cada professor e tutor que fez parte dessa caminhada, em especial ao professor Crediné, que com muita paciência nos acompanhou em todo o tempo, à professora Gládis e a tutora Rossana, que se fizeram presente nesses momentos fundamentais de Estágio e TCC. Que Deus venha a recompensar a cada um de vocês!*

*... à todos que, de alguma forma, colaboraram pra realização deste projeto, minha graduação.*

**Muito obrigada!!**

**“Ainda que eu falasse línguas, as dos homens e dos anjos (...) se eu não tivesse amor, eu nada seria.” (I Co 13)**

***“Quem ama, repreende, mas com as palavras corretas, no momento correto e até na medida correta. Quem ama, sofre, mas um sofrimento que não leva ao desespero e sim ao amadurecimento, ao novo desafio. Quem ama, vibra com toda a adequação necessária e o respeito a quem não passa pelo mesmo momento.”***

***Chalita***

## RESUMO

O presente trabalho tem como tema central as relações afetivas no âmbito da sala de aula da Educação Infantil. Investiga as causas das dificuldades de relacionamento e de atitudes agressivas entre alunos de quatro e cinco anos e a forma adequada de intervenção da professora. Para alcançar esse objetivo, foi realizado estudo de caso, através do uso de diário de campo e pesquisas bibliográficas, usando como referencial teórico, principalmente, Piaget, Vygotski, Morin, Restrepo e Chalita. A pesquisa apoiou-se nas observações e intervenções realizadas numa turma de pré-escola, de uma escola pública estadual na cidade de Taquara/RS. A partir dos dados coletados e das leituras realizadas observou-se que entre as causas das dificuldades de relacionamento e agressividade existente especificamente nesta turma, estão as características de tal faixa etária e o reflexo das relações pessoais construídas anteriormente. Também foi observado o papel fundamental exercido pela professora na construção das habilidades emocionais e sociais, que depois de desenvolvidas irão auxiliar na habilidade cognitiva.

**Palavras-chave:** afetividade – Educação Infantil – habilidade

## **ABSTRACT**

This paper has as its core theme affective relations in the realm of Childhood Education classrooms. It aims to investigate the causes of relationship difficulties and of aggressiveness among students aged four and five and the appropriate form of intervention provided by the teachers. To reach this objective, a case study was performed, through the use of a field diary and References research, and using as theoretical referentials mainly Piaget, Vygotski, Morin, Restrepo, and Chalita. This research was supported by observations and interventions in one kindergarten class from a state public school in the town of Taquara, state of Rio Grande do Sul, Brazil. Stemming from the gathered data and from the readings made, we observed that some of the relationship difficulties and the aggressiveness existing specifically in such classroom originated from characteristics of the students' age and were a reflex of personal relations previously established by them. Besides, we could observe the fundamental role played by a teacher in building students' emotional and social abilities, which after being developed will aid in their cognitive ability.

**Keywords:** affectivity – Childhood Education – ability



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Termo de Compromisso.....	28
Figura 2: "Esquina".....	30
Figura 3 – Agrupamento “Agressões Físicas”.....	34
Figura 4 – Agrupamento “Agressões Verbais”.....	34
Figura 5 – Agrupamento “Afeto”.....	35
Figura 6 – Agrupamento “Cooperação”.....	35

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE FIGURAS</b> .....	<b>9</b>
<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>2 A PERCEPÇÃO DAS RELAÇÕES AFETIVAS</b> .....	<b>12</b>
2.1 A escola e as relações afetivas .....	13
2.2 A cognição e as relações afetivas .....	14
2.3 O pré-escolar e as relações afetivas .....	18
<b>3 PESQUISANDO AS RELAÇÕES AFETIVAS</b> .....	<b>21</b>
3.1 A pesquisa.....	21
3.2 O campo de pesquisa.....	22
<b>4 ANALISANDO AS RELAÇÕES AFETIVAS PERCEBIDAS</b> .....	<b>24</b>
<b>5 RELAÇÕES AFETIVAS, PRA QUE TE QUERO</b> .....	<b>36</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>39</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como finalidade cumprir as exigências pedagógicas e legais para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Como objeto de reflexão foi escolhido o tema *As implicações das relações afetivas para si próprio, entre os pares e entre as crianças e a professora*, baseado nas experiências desenvolvidas ao longo do Estágio Curricular Obrigatório.

Este tema se originou a partir das indagações que se fizeram presentes ao longo do Estágio, onde procuro entender as dificuldades de relacionamento de meus alunos, o que os levava a terem atitudes muito agressivas e como eu poderia auxiliá-los na superação dessas dificuldades.

Meu objetivo, ao fazer esta escolha foi deter um olhar mais detalhado sobre as relações afetivas no âmbito da sala de aula, procurando a maneira mais correta de auxiliar o desenvolvimento emocional, social e cognitivo de meus alunos.

Realizei uma pesquisa básica, de cunho qualitativo e objetivo explicativo, onde utilizei os métodos de estudo de caso e pesquisas bibliográficas.

## 2 A PERCEPÇÃO DAS RELAÇÕES AFETIVAS

**Viver com intensidade. Viver cada momento.  
Amar. Amar ao outro, amar a si mesmo. Demonstrar  
esse amor com gestos de afeto, de entrega, de  
partilha. A vida perde o sentido se não é  
entusiasmada, animada por uma paixão.  
Chalita**

Durante o meu Estágio Curricular Obrigatório, que foi caracterizado pela análise da realidade, pela elaboração do planejamento das ações didáticas com base no diagnóstico do contexto escolar, da realidade analisada e, também, pela reflexão sobre ações realizadas, percebi algumas características em minha turma de pré-escola que me chamaram a atenção.

Dentre essas características estavam agressividade, falta de limites, de amor próprio, desinteresse pelo outro. Características que me deixaram bastante apreensiva, então buscando formas de trabalhar essas características e através da orientação da supervisora e tutoras de estágio, pude perceber através da afetividade, das relações afetivas um grande recurso.

Segundo o Minidicionário Luft (1999), Afetividade é qualidade de afetivo; afetuosidade; sentimento. Afetivo é relativo à Afeto. Afeto é afeição; amizade; amor. E conforme cita Chalita (2001, p.162) “[...] para que possa transmitir afeto é preciso que sinta afeto, que viva o afeto. Ninguém dá o que não tem.”. Então era o que precisávamos, criar um ambiente afetivo, relações afetivas, recebendo afeto, pra que ele pudesse ser dado.

Já Morin (1998) por Camera (2006) diz que “ligar e ligar-se, eis o destino do homem”. Posso afirmar então, que apesar de não podermos dar o que não temos, nesse caso o afeto, temos em nosso íntimo esse sentimento afetivo, de ligação com o outro, de socialização.

As crianças precisam estar ligadas umas as outras, como o adulto também. Elas sentem essa necessidade, porém apenas darão o que recebem, o que tem, e diante da realidade constatada no contexto da sala de aula, pude perceber que não recebiam afeto, ou não recebiam segundo a necessidade que tem e por isso esse afeto não estava sendo dado, repassado ao outro.

Chalita (2001, p.137 e p.229) também nos fala que "Mestre não é aquele que faz as ideias de seus discípulos, é o que os auxilia na gênese e na gestação dessas ideias." e "A habilidade social se constrói necessariamente por um caminho de convivência e de solidariedade, de conhecimento do mundo e de interação, um processo de interrelação com pessoas e processos diferentes [...]". Considerando essa fala, destaco o importante papel que o professor pode exercer nesse processo de desenvolvimento afetivo, se assim ele assumi-lo.

O professor deve ser um mediador, auxiliando na formação, na elaboração da ideia do aluno, que nesse caso é a habilidade social, o relacionamento afetivo. Levando o aluno a conviver, a ser solidário ao outro, a interagir, conhecer pessoas e processos que diferem de si próprio de sua realidade.

## 2.1 A ESCOLA E AS RELAÇÕES AFETIVAS

A escola, normalmente, vista como lugar de aquisição de conhecimentos didáticos e o Estágio como o momento de colocar em prática tudo o que foi desenvolvido no decorrer de todos os semestres do Curso, fizeram com que minha apreensão fosse ainda maior, pois as características, já citadas, da minha turma, aparentemente estavam me impedindo de desenvolver o trabalho que gostaria de realizar.

Segundo Restrepo (1998, p.33) "A escola se mostra resistente a aceitar que a cognição é cruzada pela paixão, por tensões heterônomas, [...]"., o que percebo como uma séria realidade. Percebe-se uma linha divisória entre a cognição, a aprendizagem e os sentimentos, as emoções. Nós professores, normalmente, temos dificuldade em perceber o quanto as emoções, as relações afetivas dentro e fora do ambiente escolar, podem e afetam, também, dentro e fora do ambiente escolar.

Queremos pensar a diferença entre essa sala de aula que estamos problematizando, prisioneira em seus dois modos de funcionar, e uma que desejamos inventar, *mais aberta às variações afetivas e, portanto mais próxima da imaginação e da criatividade*. Para tanto, começamos a nos aproximar de um pensamento que entende o processo de aprendizagem como uma crise no processo vital do sujeito. Chamamos a atenção de que crise não significa nada de

doentio ou de impedimento, mas um sinal de que o sujeito precisa mudar seu jeito de se relacionar consigo e com os outros, uma vez que suas estratégias estão caducas e já não dão conta da atualidade do sujeito, nem o ajudam a resolver desafios que a vida apresenta. (COELHO, 2009, p.39).

Normalmente em sala de aula, o professor tende a conduzir a sua aula de acordo com o seu objetivo, considerando o seu eu, propriamente dito, desconsiderando as variações afetivas da turma como um todo e, até mesmo individuais. Coelho (2009) nos leva a refletir sobre uma sala de aula aberta a essas variações afetivas, considerando-a, portanto, mais próxima da imaginação e da criatividade.

Durante o desenvolvimento do meu estágio, pude perceber de forma muito significativa as variações afetivas pelas quais meus alunos passavam, indo de momentos de intensa alegria a momentos extremos de muita raiva e agressividade, onde passei a perceber a importância de considerar essas variações afetivas e buscar juntamente com eles novas formas de resolver os desafios que a vida nos apresenta.

## **2.2 A COGNIÇÃO E AS RELAÇÕES AFETIVAS**

**Quanto mais experiências a criança detêm, maior é a sua capacidade de entender e, também, efectivar diferentes tipos de relações envolvendo tipos de sentimentos distintos. (HARRIS, 1989 por Trevisan, 2007)**

Restrepo (1998, p.29) nos diz que

[...] é bom constatar que nem sempre se apresentou, na história dos povos, esta dissociação entre a afetividade e o conhecimento intelectual, nem esta exclusão social das vivências que não conseguem expressar-se na estrutura racional da linguagem falada.

Posso afirmar que atualmente a grande competitividade, a necessidade de se destacar entre os demais, junto à incapacidade da escola de compreender que existem modelos divergentes de conhecimento, na preocupação demasiada com os métodos e avaliações formais, acabamos por não captar as predominâncias afetivas que auxiliam ou bloqueiam o desenvolvimento cognitivo, o que nos diferencia dos povos chamados primitivos. Que por sua vez dedicavam a maior parte do seu tempo às trocas lúdicas, ao cuidado com o corpo, onde os sistemas cognitivos que se voltavam para a percepção das singularidades afetivas cumpriam um papel importante, a partir de onde eram ordenados seus comportamentos sociais e políticos.

Como educadores devemos perceber o quanto o reconhecimento, a captação dessas predominâncias afetivas poderão nos auxiliar na cognição de nossos alunos, considerando o que nos diz Trevisan (2007, p.42, grifo do autor) “Torna-se clara para esta perspectiva de análise a rejeição firme das ideias da criança como *naturalmente* desenvolvida. A criança recebe, transforma, recria aquilo que absorve, modifica e dá-lhe novos significados.”

Pra que isso ocorra, em primeiro lugar a criança deve receber, porém nem sempre o que a criança recebe lhe proporciona a oportunidade de transformar, recriar, modificar e dar novos significados positivos.

A característica agressiva de minha turma, que foi a principal desencadeadora da minha busca de solução através da afetividade, foi reflexo do que receberam e, acredito que muitos, ainda recebam. Tive certa dificuldade em perceber isso, mas logo no início do estágio minha supervisora fez um comentário que “me abriu os olhos”. A professora Dr<sup>a</sup> Gládis Kaercher, a referida supervisora, me colocou que deveria pensar em meus alunos abrigados, os quais normalmente tinham a maioria das atitudes agressivas, “como crianças para as quais todos já deram, em alguma medida, as costas.” E que ao meu lado, na escola eles tinham a possibilidade de simbolizar, externar “as situações difíceis para as quais nem sempre tem estrutura psíquica para enfrentar”. Então na falta dessa estrutura psíquica, o jogo simbólico de bater, maltratar, chutar, "matar", brinquedos e, muitas vezes, os colegas poderia ser a única forma que eles teriam de tentar reorganizar a psique. Também me orientou a pensar que esse espaço é necessário e me lembrou que com essas atitudes, também, me pedem ajuda. Na esperança de que eu me importe e diga não e acolha cada um deles com meu riso, meu abraço, meu *afeto*. “Talvez, o único afeto que

eles ainda ganhem da vida. Tanto melhor tu serás quanto mais conseguires ensiná-los a conviver em sociedade, expressando de modos não-violentos as suas emoções.”, Kaercher.

Conviver em sociedade é senão a principal, mas a essencial aprendizagem que devemos procurar desenvolver em nossos alunos. Conviver em sociedade é à base de todas as aprendizagens.

Trevisan (2007, p.55), também nos fala que "As crianças despendem grande parte do seu tempo com os seus amigos e aprendem, com eles, diferentes tipos de competências sociais - negociação, comunicação interpessoal, capacidades de aprendizagem, de desenho, jogos e regras, etc...". A partir dessa colocação, ousou afirmar que entre os pares, na relação afetiva ou não existente entre os alunos acontecerão grandes aprendizagens. Dentre elas, a essencial, que conforme já citei, a de conviver em sociedade. As competências sociais citadas pela autora, se embasadas na afetividade, farão com que essa aprendizagem abranja a preocupação com o bem-estar do outro, levando o aluno a aprender, buscando com que o outro também aprenda, também se desenvolva.

Lóris Malaguzzi (2001) por Camera (2006) fala que “O desenvolvimento apresenta-se não como uma façanha individual, mas como um processo de construção social.”, que vem ao encontro do que tenho explícito, precisamos do outro a fim de nos desenvolver.

Alencastro (2009, p.15) citando Winnicott (1971), refere que

[..]pode se dizer que a criança precisa de um bom lar, de uma boa base familiar com que possa se identificar, necessita de um ambiente emocional estável em que permita ter a oportunidade de realizar firmes e naturais progressos, no devido tempo, no decorrer das fases iniciais do seu desenvolvimento.

Essa é uma realidade difícil de ser encontrada em nossos dias, um bom lar, uma boa base familiar. O que encontramos atualmente, na grande maioria das vezes, são lares desestruturados, famílias desestruturadas, sem condições de auxiliar nesse desenvolvimento de suas crianças. Sem ter a intenção de trazer mais essa responsabilidade pra sala de aula, mas apenas buscando uma forma de amenizar essa situação, percebo na escola uma grande oportunidade de auxiliar no



desenvolvimento dessas crianças, criando ali um ambiente emocional propício às relações afetivas, a uma estabilidade emocional que lhe é necessária.

Uma criança, emocionalmente estável ou segura, terá tranqüilidade pra se desenvolver e construir suas aprendizagens. Wadsworth (1997, p.23) por Alencastro (2009, p.17) fala que

O aspecto afetivo tem uma profunda influência sobre o desenvolvimento intelectual. Ele pode acelerar ou diminuir o ritmo de desenvolvimento. Ele pode determinar sobre que conteúdos a atividade intelectual se concentrará.

O que realmente estava acontecendo em minha sala de aula. Meus alunos estavam emocionalmente abalados e, por falta de experiência com aquela situação, eu, também, estava me abalando, fazendo com que o foco central fosse as situações conflitantes e não o desenvolvimento intelectual.

Situação essa que através da minha estabilidade emocional, a partir do momento que passei a compreendê-la, conseguimos contorná-la. E com isso, acelerar o ritmo de desenvolvimento intelectual, propriamente dito.

Pensando mais do ponto de vista afetivo, considerando os conteúdos nos quais a atividade intelectual se concentrará, também podemos perceber que a criança se desenvolverá melhor e, acredito, que o adulto também naquilo que lhe é interessante, com o que ele criar vínculos. Daí então a necessidade das relações afetivas estarem sempre presentes entre alunos e professores, afim de que essas relações, esses vínculos venham a auxiliar o professor no desenvolvimento das aprendizagens desse aluno.

Alencastro (2009, p.17) tratando da importância da afetividade no processo intelectual também cita Hillal (1985, p.18) que nos diz que

A afetividade é o suporte da inteligência, da vontade, da atividade, enfim, da personalidade. Nenhuma aprendizagem se realiza sem que ela tome parte. Muitos alunos há cuja inteligência foi bloqueada por motivos afetivos; outros há cuja afetividade não resolveu determinados problemas, apresentando falha no comportamento. A afetividade constitui a base de todas as reações da pessoa diante da

vida de todos os seus acontecimentos, promovendo todas as atividades.

Posso afirmar que ao investirmos na relação afetiva dentro do âmbito cognitivo e conseguirmos com isso o afeto de nossos alunos, construímos um ambiente emocionalmente estável, como já mencionei, criaremos um ambiente de significativas aprendizagens e desenvolvimento, então, promovendo todas as atividades.

### **2.3 O PRÉ-ESCOLAR E AS RELAÇÕES AFETIVAS**

Segundo as teorias sociointeracionistas, o desenvolvimento infantil é concebido como um processo dinâmico, já que a criança não é um ser passivo, meramente receptora das informações que a rodeiam. Segundo Felipe (2001, p.27)

Através do contato com seu próprio corpo, com as coisas do seu ambiente, bem como a interação com outras crianças e adultos, as crianças vão desenvolvendo a capacidade afetiva, a sensibilidade e a auto-estima, o raciocínio, o pensamento e a linguagem.

Essas são características e capacidades, normalmente, desenvolvidas pelas crianças em todas as fases do seu desenvolvimento. E em se tratando do aluno em idade pré-escolar, este é um indivíduo com características peculiares da sua faixa etária, onde segundo Wallon (1879-1962) por Felipe (2001, p.28) entre três e seis anos, aproximadamente a criança encontra-se no Estágio denominado Personalismo. Felipe (2001, p.28), cita que

[...] nesta fase ocorre a construção da consciência de si, através das interações sociais, dirigindo o interesse da criança para as pessoas, predominando assim as relações afetivas. Há uma mistura afetiva e pessoal, que refaz, no plano do pensamento, a indiferenciação inicial entre inteligência e afetividade.

Acredito que devido a essas características que os pré-escolares são tão afetados por atitudes afetivas ou agressivas de outros, terminando por reproduzi-las. Segundo Vygotsky (1896-1934) a imitação, que é uma situação bastante utilizada pelas crianças, trata-se de uma reconstrução individual daquilo que é observado nos outros. Por isso, é muito importante a estabilidade e segurança emocional do adulto, pois dessa forma terá atitudes corretas, que poderão ser imitadas pelas crianças.

Já Piaget (1982, p.44) por Alencastro (2009, p.11) nos diz que

A representação e a linguagem permitem que os sentimentos adquiram uma estabilidade e duração que não tinham antes. Os afetos ao serem representados duram além da presença dos objetos que os provocou. Esta capacidade para conservar os sentimentos torna possível os sentimentos interpessoais e morais.

A criança pré-escolar, segundo Piaget encontra-se no Estágio Pré-operacional. Onde, conforme a citação, podemos perceber que a criança por estar construindo a capacidade de efetuar operações lógico-matemáticas, está passando a ter essa capacidade para conservar sentimentos, que adquirem uma estabilidade e duração que não havia anteriormente.

Devido a todas essas características devemos tomar cuidado pra não taxarmos de violentas, atitudes que são inatas da criança nessa faixa etária. A criança, como já mencionei, interage socialmente, reflete situações vividas por ela, mas também age segundo seu egocentrismo natural. Percebemos na criança um grande senso de justiça, que faz com que ela queira resolver as situações de conflito conforme sua forma de compreendê-las. Conforme Picetti “para que o sentimento de justiça se desenvolva, são necessários o respeito mútuo e a solidariedade entre as crianças e os adultos.”.

Alencastro (2009, p.18) diz que “De acordo com Guillot (2008), uma criança não é um ser de pura razão, os afetos, as emoções e os sentimentos são essenciais para a constituição do indivíduo.”

Portanto, podemos afirmar que como todo ser humano, a criança tem necessidade de ser valorizado, o que ela irá sentir através do afeto. Estamos constantemente nos transformando, nos formando, porém na criança isso é bem

mais evidente. Ela tem suas características peculiares, evidenciadas em cada fase pela qual percorre, necessita de certos cuidados e de educação que venham a auxiliar sua socialização e formação como indivíduo único e importante.

Independente de suas produções, de seus resultados, devemos amá-la e proporcionar meios pra que se desenvolva e se sinta amada. Pois conforme Chalita (2001, p. 253) “A habilidade emocional não reduz o aluno a uma consciência ingênua, a um estado de passividade, muito pelo contrário, quem ama luta, mas sabe os motivos da luta e as armas necessárias pra vencê-la.”.

### 3 PESQUISANDO AS RELAÇÕES AFETIVAS

**Uma vez mais repetimos: o conhecimento é a navegação em um oceano de incertezas, entre arquipélagos de certezas. Morin (2000, p.86)**

Minha pesquisa, apresentada neste trabalho é básica e de cunho qualitativa. A mesma teve início através das observações realizadas em minha turma de pré-escola, no período do meu Estágio Curricular Obrigatório. Onde busquei identificar aspectos que pudessem influenciar de alguma forma, tanto positiva quanto negativa o desenvolvimento psicológico, social e cognitivo de meus alunos.

#### 3.1 A pesquisa

A metodologia de pesquisa desenvolvida por mim é básica, já que me propus a discutir um problema, para a ampliação do conhecimento científico sem ter a pretensão de criar um método ou solução que possa ser aplicada.

Optei pelo cunho qualitativo, a partir da observação de fatos reais, da busca por uma compreensão profunda do contexto analisado onde tive como fonte de dados o diário de campo, que segundo VICTORA (2000, p.73) é

[...] o instrumento mais básico de registro de dados do pesquisador. Inspirado nos trabalhos dos primeiros antropólogos que, ao estudar sociedades longínquas, carregavam consigo um caderno no qual eles escreviam todas as observações, experiências, sentimentos, etc, para posteriormente selecionar dados mais relevantes para suas etnografias, o diário de campo é um instrumento essencial do pesquisador.

Como diário de campo utilizei fragmentos do meu relatório de Estágio, registros fotográficos, a observação e registro de acontecimentos e falas, planejamentos e reflexões semanais.

Meu objetivo nessa pesquisa é explicativo, visando identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Aprofundando o

conhecimento da realidade, explicando esses fatores identificados, nesse caso a influência da afetividade, das relações afetivas existentes entre os alunos e alunos e a professora, no ambiente escolar.

### **3.2 O campo de pesquisa**

A pesquisa foi realizada numa escola pública estadual da zona urbana da cidade de Taquara. A escola atende alunos de duas turmas de Educação Infantil de quatro e cinco anos e dezenove turmas do Ensino Fundamental Séries Iniciais, sendo uma delas intitulada “Classe Especial”, onde são atendidos alunos com deficiências mentais leves e moderadas, com o número de alunos, em torno de 450 alunos.

A escola localiza-se na periferia do município, num dos bairros mais carentes. O índice de criminalidade é superior aos de outros bairros, despertando até mesmo o olhar mais atento do Poder Judiciário municipal, que iniciou um projeto, visando abranger as crianças e adolescentes, que são em grande quantidade filhos de apenados do Presídio Estadual.

A escola é muito bem vista pela comunidade e é a única escola estadual no bairro que abrange, ainda, a Educação Infantil.

Uma das peculiaridades da escola é o fato de atender crianças abrigadas numa instituição de amparo à infância. Normalmente, crianças com grandes dificuldades de relacionamento, bastante agressivas e com auto-estima muito baixa, inclusive fazendo uso de antidepressivos.

No entanto me detive na Educação Infantil, que foi onde realizei meu Estágio, da qual obtive os dados que compõe meu diário de campo.

Sou formada no magistério há quatorze anos e há três anos atuo com Educação Infantil, como professora titular da turma, sem auxiliar ou auxílio de qualquer outro profissional em sala de aula. Utilizo, habitualmente, caderno de planejamento, onde registro a rotina, as atividades planejadas a serem desenvolvidas, alterações feitas no decorrer da aula e outras observações que enriquecem os próximos planejamentos e apontam as necessidades e direcionamentos a serem tomados. Busco a contemplação do Projeto Político Pedagógico da escola, bem como o Plano de Trabalho, onde estão explícitas as

habilidades e competências a serem desenvolvidas no decorrer do ano com a Educação Infantil.

Falando especificamente da turma na qual atuei de uma forma geral, as crianças são carentes tanto material como afetivamente falando. Como já relatei tinha muitas expectativas quanto ao período do Estágio, onde projetava a realização de muitas atividades, que a princípio eram impossíveis de serem realizadas, diante da realidade de agressividade, falta de limites, desinteresse pelo outro e baixa auto-estima apresentada pela maioria dos meus alunos, que eram vinte e duas crianças, sendo doze meninas e dez meninos entre quatro e cinco anos, dos quais, sete eram abrigados na instituição que já referi.

Diante dessas características, junto às orientadoras, iniciei uma busca de como “modificá-las”, percebendo as reais necessidades dessas crianças, a fim de que pudesse desenvolver meu trabalho. O que me levou a esta pesquisa, que foi desenvolvida, como já citei através de estudo de caso, baseado no diário de campo e de pesquisas bibliográficas.

#### 4 ANALISANDO AS RELAÇÕES AFETIVAS PERCEBIDAS

**Quem foi que nos fascinou para que tivéssemos um olhar de despedida em tudo o que fazemos?**

**Rainer Maria Rilke**

Ao me dedicar a essa pesquisa tive a intenção de compreender o que acontecia com meus alunos, o porquê de crianças da Educação Infantil agir de maneira tão agressiva, demonstrando falta de amor próprio e pelo outro e buscar uma forma de auxiliar na propagação de atitudes que colaborem para seu desenvolvimento cognitivo, social e emocional.

Meus principais objetivos foram reconhecer o que desencadeava as atitudes agressivas e perceber como agir para que a aula acontecesse dentro de certa normalidade, onde eles aprendessem a reagir sem agressividade àquilo que os desestruturava emocionalmente, levando-os a estas atitudes.

Já no início, no período de observação fiquei bastante apreensiva com tudo o que percebi. Eram crianças que resolviam tudo na base da agressão física, não havia diálogo e sim muitos gritos e choro, menosprezavam a si mesmo e aos colegas com palavras e atitudes.

Ao iniciar o Estágio pensei em iniciar através do resgate da auto-estima, levando-os a se conhecerem e valorizarem a si mesmos e suas características. Uma das atividades que planejei foi a de que quem tivesse que trouxesse fotos da mãe grávida, de quando eram bebê e fotos atuais, para observarmos, dialogarmos sobre as mesmas, a fim de que resgatássemos sua história, reconhecessem-se como importantes, alvo de cuidados e que percebessem as características dos bebês. Após passaríamos uma boneca bebê a fim de demonstrarmos como devemos cuidar de um bebê e demonstrar atitudes de afeto pra com ela.

Minha surpresa foi perceber que nem as crianças que vivem com suas famílias responderam a solicitação de forma satisfatória, ninguém trouxe as fotos solicitadas. Algo que mais uma vez me fez perceber o quanto na maioria das vezes a família tem negligenciado, tem desperdiçado grandes oportunidades de trazer seus filhos para perto de si. Percebo esse momento, como oportuno para grande troca afetiva, para fortalecimento de vínculos, de união. Esse seria um momento propício para que os pais sentassem com os filhos, mostrassem as fotos ou mesmo



que não tenham fotos, mas dialogassem sobre aqueles momentos em suas vidas, da gravidez como foi, das características da criança quando bebê, o que fazia, o que gostava, as lembranças que a família tem daquela fase. Enfim, poderiam através dessa oportunidade demonstrar ao filho o afeto que sentem por ele, demonstrar a sua importância no meio familiar.

Como havia me precavido e levado fotos minhas e de minhas filhas, realizamos as atividades com essas fotos. Surpreendi-me mais ainda ao ver que a maioria deles não demonstrou a menor afeição por aqueles bebês que viam nas fotos, procuravam sempre destacar algo negativo.

Um dos alunos abrigados, Gabriel, ao visualizar uma das fotos, onde minha filha mais nova havia acabado de nascer e aparecia com um lacinho na cabeça, fez comentários como: “Nossa parece que ela levou um tiro na cabeça!”.

A boneca cujo objetivo era de ser acariciada, cuidada, acabou sendo alvo de atitudes agressivas, onde acabaram dando tapas, empurrando, jogando nos colegas. Percebi que minha proposta havia desestruturado ainda mais alguns deles, pois após a atividade as agressões continuaram chegando ao ponto de um deles agredir outro colega com uma cadeira plástica num momento de divergência entre os dois.

Segundo Piaget, meus alunos estão no Período pré-operatório, que é caracterizado pelo egocentrismo, onde

[...] não é capaz de lidar com idéias diferentes da sua em relação a um determinado tema. [...] O pensamento é marcado pela intuição, pela percepção imediata da realidade e não pela lógica a qual, muitas vezes leva a soluções incorretas de problemas [...] (MARQUES, 2005, p. 10)

Tive certa dificuldade em lidar com essas situações, sentia-me angustiada, impotente, diante dessas atitudes, essas soluções incorretas dos problemas que surgiam no cotidiano da sala de aula. Foi num de meus desabafos que recebi a orientação da professora Dr<sup>a</sup>. Gládis Kaercher, como mencionei anteriormente, me clareando a visão sobre o que acontecia em minha sala de aula. O que me levou a perceber que muitas atitudes decorriam da faixa etária em que se encontram onde

estão ocorrendo muitas construções e, principalmente, pela necessidade de externar tudo o que vivenciaram ou vivenciavam, o que acontecia nesse jogo simbólico de maltratar, tapear, bater, o que aparentemente estava sendo a única forma de se organizarem psicologicamente. A partir de então passei a perceber o papel fundamental que eu poderia e deveria exercer junto aos meus alunos, como um agente afetivo, que auxiliaria na organização psíquica de meus alunos e no seu desenvolvimento cognitivo.

A partir de então passei a buscar maiores informações sobre cada um deles, buscar meios de auxiliá-los, fomos realizando muitas atividades onde buscávamos a valorização de cada um, de suas características, de suas qualidades, passamos a dialogar mais e confeccionamos o Dado do Afeto que é muito utilizado, principalmente no momento de voltar à calma, após as atividades mais livres.

O Dado do Afeto possui seis lados, onde estão gravadas ordens, como: dê um aperto de mão, beijo na bochecha, afago na cabeça, carinho no rosto, elogio e abraço. Formamos um círculo, cada um joga o dado e de acordo com a ordem a realiza no colega ao lado, depois procedemos da mesma forma no sentido contrário.

No princípio ficavam tímidos, cumpriam as ordens muito inibidos, mas com o passar dos dias e com a frequente realização da atividade foram ficando mais a vontade e os carinhos foram ficando menos mecânicos.

Piaget citado por Alencastro (2009, p.11) diz que

A representação e a linguagem permitem que os sentimentos adquiram uma estabilidade e duração que não tinham antes. Os afetos ao serem representados duram além da presença dos objetos que os provocou. Esta capacidade para conservar os sentimentos torna possível os sentimentos interpessoais e morais.

Afirmo então, que essa representação, esse jogo simbólico de acariciar, de demonstrar afetividade foi algo que auxiliou na mudança de atitude perante o outro. Passamos a dialogar sobre essa brincadeira de jogar o dado, nos questionando do que eu gosto mais, de ser agredido ou de ser acariciado? O que devo fazer, aquilo que gosto que façam pra mim ou aquilo que não gosto?

E os sentimentos foram realmente sendo conservados, melhorando com o isso o relacionamento, o sentimento interpessoal e moral, como cita Piaget. Graças a esse desenvolvimento moral, que a afetividade, através desse jogo simbólico veio proporcionar, pude começar a contemplar mudanças de atitudes, a continuidade da construção das relações sociais de forma mais acelerada e organizada, sendo prazeroso para todos os envolvidos no relacionamento e, não unicamente pra quem agrediu com o intuito de resolver a questão da melhor forma para si próprio.

Felipe (2001, p.29), nos diz que “Vygotski afirma que a relação dos indivíduos com o mundo não é direta, mas mediada por sistemas simbólicos, em que a linguagem ocupa papel central”. Sabemos que para Vygotski o professor exerce um papel fundamental, intervindo naquilo que o aluno já tem capacidade de desempenhar, levando-o a alcançar metas que não ocorreriam espontaneamente. E esse momento de diálogo, onde sirvo de mediadora, vem a auxiliar no processo de adaptação social.

Outra experiência que tivemos, da qual fiz ricos registros, que me auxiliaram na pesquisa, dando continuidade nesse processo de diálogo, de trocas afetivas da construção social, foi uma atividade iniciada a partir da fábula “A Galinha Ruiva”.

Li a fábula para meus alunos, a partir da qual realizamos muitas atividades, nas quais se envolveram bastante. E dentre essas atividades quero relatar aqui algumas que se destacaram.

Logo após a leitura iniciamos um diálogo a respeito dos amigos da galinha ruiva, que não a auxiliaram quando ela solicitou e sobre a atitude dela em não dividir com eles o bolo que ela havia feito. As conclusões foram praticamente unânimes, entendendo que todos poderiam e deveriam ter auxiliado a amiga galinha e assim cada um deles teria o direito de saborear o fruto da união de todos.

A partir daí iniciamos outro diálogo, a respeito de nossa sala de aula, da parte que cada um poderia realizar para o bem de todos e o bom andamento de nossa aula. Resolvemos então reorganizar nossos combinados, criar um “Termo de compromisso”. Para isso levantamos alguns questionamentos sobre o que deveríamos escrever. Fui anotando tudo o que sugeriam, ao final li e decidimos o que seria registrado no termo. Escrevi os combinados num cartaz, que foi ilustrado e assinado por eles e que ficou com o seguinte texto: Termo de Compromisso. Para facilitar nosso convívio vamos: 1) Escutar e atender as solicitações da professora; 2) Guardar os brinquedos e os livros depois de usá-los; 3) Andar em fila sem empurrar;

- 4) Ajudar os amigos quando se machucarem; 5) Brincar sem brigar, sem estragar os brinquedos; 6) Fazer os trabalhos com esforço e capricho, sem deixar que os outros façam; 7) Esperar a vez para falar; 8) Fazer carinho e ser amigo dos colegas; 9) Não mexer nas coisas dos outros. Conforme fotografia.

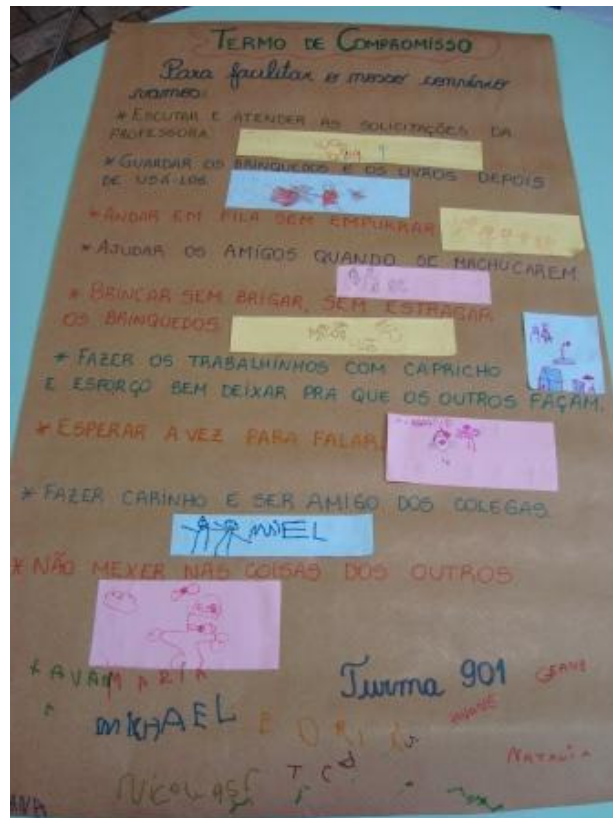


Figura 1 – Termo de Compromisso

Passamos a ler nosso termo de compromisso todas às manhãs, logo no início da aula. Mais uma vez enfatizando a busca da estruturação da habilidade emocional, algo trabalhoso, mas que proporciona a conquista da autonomia e felicidade, como nos fala Chalita (2004, p.230) “demanda tempo e esforço, mas que significa o passaporte para a conquista da autonomia e da felicidade”. O autor também vê a habilidade emocional como o grande pilar da educação, algo que requer paciência para ser trabalhado, mas que levará a habilidade cognitiva e social.

Na busca de alcançar esse objetivo, constato que o vínculo é essencial. O vínculo entre os alunos e entre os alunos e a professora. O fato de me importar, de ter interesse em ouvir o que cada um deles pensa a respeito de nossos combinados, proporcionar uma auto-avaliação, faz com que fiquem mais abertos, mais receptivos.

E, por isso, continuamos dialogando. No final de cada manhã, relemos nossos combinados e cada um tem a oportunidade de refletir sobre a sua manhã, as suas atitudes e o cumprimento ou não dos combinados.

Mas como toda regra tem uma exceção, conversando com minha orientadora, sentimos a necessidade de abriremos uma. As mudanças nas atitudes da turma de um modo geral eram visíveis, porém os casos mais críticos de agressão ainda aconteciam, principalmente entre as crianças abrigadas. Normalmente, esses alunos queriam algo em troca a fim de cumprir os combinados.

A cada atitude questionada indagavam: “Daí tu dá bala? Daí tu dá pirulito?”. Então, resolvemos acabar com essa “troca” aos poucos. Até que alcançassem certa habilidade social e emocional, compreendendo que ganhar, ter vantagem não deve ser nosso objetivo nos relacionamentos.

Criei então, um cartaz de estrelinhas, onde havia o nome de cada um deles e cinco espaços ao lado, representando os dias letivos da semana. Ao final de cada aula iríamos proceder como antes, conversando, se autoavaliando segundo o cumprimento dos combinados. Porém de acordo com isso receberiam uma estrelinha ou não ao lado do seu nome. Sempre enfatizando que quem não conseguiu a estrelinha naquele dia, no outro poderia conseguir.

Bem, mas deixei para apresentar a eles essa idéia numa segunda-feira e na sexta-feira anterior passamos por um momento crítico.

Estávamos realizando uma atividade, onde para desenhar, as crianças deveriam amolecer o giz de cera no calor do fogo de uma vela. Quando dois meninos de uma das mesinhas, Inácio e Maicon, começaram a apagar a vela a todo instante, fazendo com que eu ficasse apenas naquela mesa reacendendo a vela. Então expliquei a eles que não poderia ficar somente naquela mesa e que eles não deveriam mais apagá-la, o que não surtiu efeito. Combinei que seria a última vez que acenderia a vela, que se assoprassem de novo, teriam que desenhar sem amolecer o giz. E mais uma vez apagaram a vela e eu cumpri com o que havia dito, deixando a vela apagada.

Então, Inácio começou a chorar sem parar, pegou a mochila foi para a porta tentar abri-la pra sair da sala, dizendo que ia embora, gritava, pedia ajuda. Fazendo com que a merendeira que estava próximo da sala viesse ver o que estava acontecendo. Tentando me auxiliar nos chamou pro lanche, onde ele foi e lanchou normalmente. Quando retornamos pra sala, começou tudo novamente. Ficou

naquela situação até o final da aula. Enquanto eu conversava, tentava acalmá-lo, atender os outros alunos, que por sinal não se abalaram e continuaram brincando sem se incomodar com a cena de desespero do colega. Sem ter mais o que fazer, já que não quis chamar auxílio de alguém da secretaria, fiquei tentando amenizar o fato até que chegou a hora de irmos pra casa.



Figura 2 – “Esquina”

Através desse relato e dessa imagem, tenho o intuito de mostrar o quanto era difícil aos meus alunos lidarem com limites. Percebo que essa dificuldade não acontecia somente no âmbito da sala de aula, porém os que tínhamos na sala de aula eram apenas combinados, diálogos e não agressões físicas ou morais, o que permitia que eles demonstrassem seus sentimentos, sem ficarem acuados por não conseguirem cumprir com o que havia sido proposto.

Por essa dificuldade em lidar com os limites e por ter passado o final de semana num ambiente onde não lhe eram impostos nenhum limite, Inácio chegou à segunda-feira disposto a continuar com o seu choro na porta da sala de aula. Mas esse era o dia escolhido para a apresentação do cartaz das estrelinhas.

Organizamos nossa roda de conversa e ele ficou na porta, não quis participar. Enquanto ia explicando a eles como funcionaria, ele foi pegando uma cadeira e sentou numa mesinha pra escutar.

E, como já mencionei, ainda precisavam de um estímulo maior pra que procurassem cumprir os combinados. Então, quem conseguisse o maior número de estrelinhas, no final da semana receberia um prêmio especial, que poderia ser um lanche do bar da escola, que muitos cobiçavam, ou outro prêmio surpresa que traria. Com a conclusão da explicação o aluno já estava junto a nós na rodinha, sem que precisasse chamá-lo.

No início, foi bastante complicado, pois pra quem não cumpria praticamente combinado algum, passar a cumprir todos a fim de receber uma estrelinha era uma tarefa árdua e lidar com a situação em que alguém conseguiu e vai ganhar algo que eu gostaria de ganhar, foi muito difícil pra eles e pra mim.

Maicon, que também tinha muitas dificuldades com os combinados, principalmente, pela forma como resolvia os conflitos, na primeira semana enquanto autoavaliava-se percebia que não deveria receber a estrelinha, dizia isso, porém irritava-se a ponto de jogar e bater em tudo com sua mochila. Ao que eu respondia com afeto, com carinho, abraçando-o e beijando, explicando a ele que o amava muito, que no outro dia ele poderia ganhar a estrela, que ele deveria continuar se esforçando. Enfim demonstrei a ele de maneira afetuosa, mas firme que ele tem condições e que apesar de não ter conseguido eu o amava da mesma forma. Ao que ele me respondeu com um abraço e um beijo, aceitando o desafio de outro dia conquistar a estrelinha.

Muitos dias foram assim no principio. Porém com o passar dos dias, o cartaz foi ficando repleto de estrelas, as crianças foram ficando mais animadas, cobravam-se e pediam aos colegas que lembrassem os combinados, pra que todos ganhassem estrelinhas. Inclusive começaram a pedir que déssemos uma chance àqueles que reconheciam que não haviam cumprido a todos os combinados.

Essa imagem (foto) retrata o momento crucial de mudança pelo qual o grupo passou. Momento que podemos intitular de “esquina”, onde o grupo troca de sentido, de caminho. Passando então, a perceber essa nova forma de solucionar problemas, de resolver conflitos e diferenças.

Chalita (2001, p.254) nos fala do significado de desenvolvermos a habilidade emocional, dizendo que “[...] significa ser um caminhante, um errante, um visionário

de sonhos e um concretizador de ideais. Significa uma demonstração de grandeza na adversidade, seja ela qual for.”

Parece algo tão maduro pra uma criança de quatro ou cinco anos, mas estou falando de desenvolvimento de uma habilidade que será necessária pra toda uma vida. A habilidade emocional como cita Chalita, como demonstração de a grandeza na adversidade é o que fará com que meus alunos saibam reagir diante das frustrações que a vida oferece. Frustrações que no momento pode ser a perda de algo que goste, ter que agir de determinada forma que julgue estar sendo prejudicado e no futuro poderá ser a perda de um amor, de um emprego, entre tantas outras coisas negativas de certo ponto de vista, com as quais precisamos saber lidar.

Dando continuidade nas atividades realizadas baseadas na fábula A Galinha Ruiva, também destaco a oportunidade que tiveram, de como os amigos da galinha participar no processo até que chegasse ao momento de saborear o bolo.

Enquanto nos apropriávamos da fábula, através das diversas atividades, como construção da galinha ruiva de sucata, desenho, reescrita da fábula, modelagens, o termo de compromisso já citado as crianças iam se engajando cada vez mais no projeto e os resultados sendo evidenciados.

Muitos ainda não haviam experimentado bolo de milho, que foi o bolo produzido pela galinha ruiva. Então, anotamos os ingredientes citados na fábula pela galinha e fomos pesquisar com nossa merendeira, sobre o bolo de milho. Ela nos mostrou as receitas de bolo de milho que tinha na escola, quais os ingredientes que usava. Conversamos com ela, pedindo seu auxílio na produção de um bolo de milho pra que pudéssemos saborear encerrando nosso projeto.

Tia Jeje prontamente aceitou nosso pedido, nos passando a lista dos ingredientes, informando o que tinha na escola e o que precisávamos comprar. Conseguimos o auxílio da Jenifer, uma estudante do magistério que estava fazendo observações na escola. Então, marcamos a ida ao mercado pra compra dos itens que faltavam.

No dia seguinte, conforme combinado, a Jenifer veio e as crianças estavam todas presentes, muito eufóricas. Foi um dia bastante frio, com muita neblina, alguns pais chegaram atrasados, pois não iriam trazer as crianças à escola, mas quando acordaram não ficaram em casa de forma alguma.



Fiquei muito feliz, por tudo isso. Estive muito engajada nesse objetivo de mudar a situação da minha sala de aula e queria muito sentir alegria, prazer em estar com meus alunos, realizando as atividades que tanto colaborariam pro desenvolvimento deles, esquecendo os momentos de angústia, de tristeza que enfrentei logo no início do ano.

Segundo Chalita (2001, p.165), “O professor precisa acreditar no que diz, ter convicção em seus ensinamentos para que os alunos também acreditem neles e se sintam envolvidos. Precisa de preparo para ir no rumo certo e alcançar os objetivos que almeja.” Através dessa convicção, de que através do limite com afeto, eu iria conseguir auxiliar meus alunos nessa transformação, que era tão necessária naquele momento de primeiro contato com a escola e da busca por auxílio, por direcionamentos, é que meus alunos também tem se engajado e já pude contemplar muito dessa transformação necessária.

Então, fomos até o mercado e compramos os ingredientes que faltavam, refrigerante pra acompanhar o bolo e pirulitos pra nossa chegada de volta à escola. Foi surpreendente a ida até o mercado, tivemos apenas um incidente insignificante, que normalmente acontece quando vamos com os filhos ao supermercado. O aluno Maicon queria comprar chocolates, mas conversei, expliquei que não era aquilo que havíamos ido comprar e que não tínhamos dinheiro suficiente, ficou um pouco emburrado, mas quando o lembrei de que antes de chegar à escola passaríamos na praça do bairro e que poderíamos brincar um pouco, já mudou seu semblante e seguiu animado junto aos colegas. Passamos na praça, nos divertimos e voltamos pra escola.

No outro dia, tia Jeje, fez um bolo de milho delicioso, cobriu com leite condensado e um ingrediente, que ela coloca em tudo que faz, muito afeto. Tivemos naquela manhã um lanche muito especial, saboreado com muita alegria.

Dentre todas as atitudes, relações afetivas ou não, vivenciadas por meus alunos durante o período de estágio, faço aqui alguns agrupamentos:



Figura 3 – Agrupamento “Agressões Físicas”



Figura 4 – Agrupamento “Agressões Verbais”



Figura 5 – Agrupamento “Afeto”

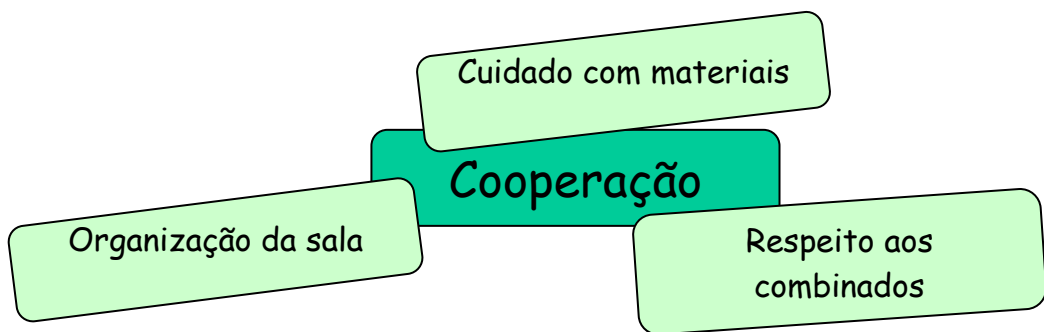


Figura 6 – Agrupamento “Cooperação”

Através dessa pesquisa, percebi, reconheci a faixa etária e o histórico de vida como principais desencadeadores das atitudes agressivas de meus alunos e, também, pude reconhecer no limite e no afeto uma forma de trabalhar com eles, desenvolvendo as habilidades tanto emocionais, quanto sociais, a fim de chegarmos as habilidades cognitivas, que segundo Chalita (2001, p.189) são os três pilares da educação, “uma não pode estar dissociada da outra.”.

## 5 RELAÇÕES AFETIVAS, PRA QUE TE QUERO

**"O mais importante na construção do homem não é instruí-lo – haverá algum interesse em fazer dele um livro que caminha? -, mas educá-lo até aqueles patamares onde o que liga as coisas já não são as coisas, mas os rostos nascidos dos laços divinos".  
SAINT-EXUPÉRY (1900-1944)**

Diante de tudo que observei, constato que é possível fazer algumas afirmações dentro do tema a que me propus a pesquisar, que são “as implicações das relações afetivas para si próprio, entre os pares e entre as crianças e a professora.”, através da questão principal que foi “de que forma as relações afetivas existentes entre os alunos e entre os alunos e professores influenciam no âmbito da sala de aula na educação infantil?”

Em primeiro lugar destaco aqui a incapacidade de meus alunos, que tem entre quatro e cinco anos, de entender a opinião, a atitude do outro, já que passam pelo período do egocentrismo, onde ainda não tem a capacidade “de lidar com idéias diferentes da sua em relação a um determinado tema” (Marques, 2005, p.10). O que leva muitas vezes a resolução dos problemas de forma incorreta, o que muitas vezes chega a atitudes agressivas.

Também, constatei que muitos deles estavam refletindo na escola, o que recebiam em outros ambientes. Muitos eram agredidos por crianças maiores e na sala de aula, onde estes não se encontravam, eles tinham a oportunidade de, também, agredir, já que os colegas eram do mesmo tamanho ou menores. Por perceberem os conflitos serem resolvidos sem diálogo, na base da agressão física, então era dessa forma que queriam resolver tudo, já que era essa era forma conhecida por eles. Faltava à maioria deles, alguém que dialogasse, que acariciasse, que se importasse com eles.

E conforme Chalita (2001, p.245) "É necessário que o professor amenize esse sofrimento e auxilie o desenvolvimento harmônico do educando."

De acordo com estas constatações passei, através das atividades realizadas e, principalmente através do diálogo e minhas atitudes a trabalhar os limites com muita afetividade.

Segundo Chalita (2001, p.153), “O professor é a referência, é o modelo, é o exemplo a ser seguido e, exatamente por causa disso, o pouco que fizer afetuosamente, uma palavra, um gesto, será muito para o aluno com problemas.”. E foi realmente isso que pude perceber.

Num primeiro momento, considerando as características da turma, trabalhamos a partir do resgate da história de cada um, buscando elevar a autoestima. O que acabou levando-os a atitudes mais agressivas, já que ficaram ainda mais desestruturados emocionalmente, por “mexermos em algumas feridas”, bastante doloridas pra maioria deles. O que me deixou bastante angustiada. Pois, achei que ali estaria a solução ou mesmo a amenização daquela situação. Diante das colocações feitas pela orientação do Estágio, de que eu poderia e deveria auxiliar meus alunos, pois eu talvez ainda fosse uma das poucas pessoas que se importava com alguns deles, iniciei um processo de reflexão. Através do qual, encontrei forças, ânimo e coragem para prosseguir.

A partir dessa nova percepção, passei a exercer o papel de agente afetivo, procurando, como já citei Chalita, amenizar essas situações de sofrimento, ser uma referência para meus alunos, através dos meus gestos afetuosos, do diálogo, passando a eles a importância de dialogarmos, de demonstrarmos nossos sentimentos de forma correta.

Dentre as principais atitudes e atividades que realizamos com esse propósito, destaco aqui nosso “Dado do Afeto”, que já mencionei ao qual inicialmente, reagem com timidez, certa insegurança ao realizar o que a face do dado solicitava e, atualmente, o fazem com muita autonomia, segurança e, principalmente, espontaneidade e contentamento. Também, a partir da fábula “A Galinha Ruiva”, reformulamos nossos combinados, que foram redigidos a partir das sugestões do grupo e, posteriormente, ilustrado e assinado por todos. Diante da necessidade gritante da turma, a princípio, os combinados foram sendo respeitados a partir de uma troca, onde as crianças que alcançassem o maior número de estrelas, por terem respeitado os combinados receberiam por isso uma premiação. O que depois de algum tempo, pode ser abandonado, já que passaram a compreender e respeitar os combinados, por ser algo bom para si e para o grupo e não por um benefício momentâneo, como era o caso do prêmio.

É muito satisfatório, o fato de poder alcançar algo a eles, com alegria, com satisfação, pois já conseguem participar, cumprir os combinados sem essa troca, que foi tão necessária num primeiro momento.

A partir daí pude perceber então o início da construção da habilidade emocional de meus alunos, que com toda a certeza vem a auxiliar todas as suas construções sociais e cognitivas.

Uma educação plural possibilita que os desiguais - mesmo porque não há iguais, a homogeneização do ensino é uma afronta à diversidade dos cidadãos - convivam em um mesmo ambiente e aprendam o exercício do companheirismo, desenvolvendo a capacidade de colaboração e ajuda mútua para a superação de obstáculos. (Chalita, 2001, p.107)

## REFERÊNCIAS

ALENCASTRO, Clarice Escobar de. As relações de afetividade na Educação Infantil. 2009. 34 f. Monografia (Graduação) - Curso de Pedagogia, UFRGS, Porto Alegre, 2009.

CAMERA, Hildair Garcia. Do olhar que convoca ao sorriso que responde: possibilidades interativas entre bebês. 2006. 66 f. Dissertação de Mestrado em Educação (Mestrado) - UFRGS, Porto Alegre, 2006.

CHALITA, Gabriel. Educação: a solução está no afeto. São Paulo: Editora Gente, 2001.

COELHO, Débora de Moraes. O Relógio Gigante. In: CAVALCANTE, Márcia H. Koboldt et al. Culturas Juvenis: Dinamizando a escola. Porto Alegre: Edipucrs, 2009. p. 37-44.

KAERCHER, Gládis & CRAIDY, Carmem (org) Educação Infantil: pra que te quero? Porto Alegre, Artemed: 2000.

MARQUES, Tânia Beatriz Iwaszko. Do Egocentrismo à Descentração: a docência no ensino superior. Porto Alegre: UFRGS, 2005. Tese de doutorado.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgar de Assis Carvalho. - 2. ed. - São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

NEVES, José Luis. Pesquisa Qualitativa - Características, Usos e Possibilidades. 1996. 5 f. Pesquisa (Mestrado) - Curso de Administração, USP, São Paulo, 1996. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/c03-art06.pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2010.

PICETTI, Jaqueline dos Santos. Significações de violência na Escola: Equívocos da compreensão dos processos de desenvolvimento moral na criança?. Porto Alegre. 5 f. (Texto digitado)

POLATO, Amanda et al. Eu e você, você e eu. Nova Escola, São Paulo, n. 222, p.72-73, nov. 2009. Mensal.

RESTREPO, Luis Carlos. O direito à ternura. Tradução de Lúcia M. Endlich Orth. - Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

TREVISAN, Gabriela de Pina et al. Amor e afectos entre crianças A construção social de sentimentos na interacção de pares. In: DORNELLES, Leni Vieira et al. Produzindo Pedagogias Interculturais na Infância. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007. p. 41-70.

VICTORA, Ceres Gomes. Técnicas de Pesquisa In. Pesquisa qualitativa em saúde: Uma introdução ao tema. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.

--- A Galinha ruiva (recontado). FTD, SP, 2006.